

A doutrina dos dois reinos em sua relevância para a situação latino-americana

Lambert Schuurman

Palestra proferida na Conferência de Professores dos Seminários Luteranos da América Latina (1.º a 4 de agosto de 1972) em São Leopoldo, RS, sob a seguinte perspectiva: No que se refere à educação teológica, em que poderia consistir a contribuição genuína dos seminários luteranos no contexto religioso latino-americano?

Dr. Lambert Schuurman é professor de teologia sistemática no ISEDET em Buenos Aires. A tradução do original espanhol devemos ao estudante W. Fuchs.

I — Creio que antes de entrar no tema que me cabe, são necessárias algumas palavras introdutórias quanto à identidade teológica daquele que fala. Não sou e nunca fui luterano. Minha presença aqui se deve ao fato de que o ISEDET, a instituição teológica que represento, é o resultado de uma união entre duas faculdades, ou seja, a evangélica (mormente de cunho metodista) e a luterana. Com referência à composição de nossa delegação, devo destacar que tentamos nomear o maior número possível de luteranos. Contudo, havia lugar para alguns outros, e por isso, a razão de minha presença aqui e agora deve ser vista principalmente no fato de que eu, de tradição calvinista, tinha e tenho grande interesse pela tradição luterana (como o demonstra, entre outras, a circunstância de que dediquei minha tese de doutoramento a um tema central da teologia de Lutero, a saber, o aspeto do relacionamento entre os dois reinos segundo os escritos do Reformador). Além disso, ISEDET deseja fomentar todos os contatos possíveis com os demais seminários na América Latina, o que se evidencia de modo expressivo na força numérica de nossa delegação. Portanto, o que hei de apresentar não possui nenhum caráter oficial ou representativo, mas falo por conta própria, em responsabilidade pessoal. Considerem-me um gibeonita do livro de Josué, (Js 9,27) o qual se encontra aqui para preparar a lenha e providenciar a água para o santuário da tradição luterana. Se com estas humildes contribuições puder ser de alguma utilidade para o sucesso desta Conferência, serei a pessoa mais feliz do mundo.

II — Antes de prosseguir, destaco alguns princípios metodológicos. Para mim a teoria dos reinos como tema central do labor teológico de Lutero representa uma articulação situacional e con-

textual da tradição cristã. Isso quer dizer que uma análise sociológica-crítica da teologia do grande Reformador deve revelar que seus pontos de coerência querigmática e ética estão em grande parte determinados pelo ambiente cultural — no mais amplo sentido da palavra — em que lhe cabia realizar seu trabalho de reflexão. Nesse sentido, sua teologia é uma teologia autóctone, ou seja, uma série de afirmações que aceitam o desafio dos grandes câmbios sociais daquela época. Poderíamos fazer uma comparação com Tomás de Aquino que, como Lutero, teve que enfrentar uma onda de secularização, aquele, pela invasão das idéias de Aristóteles e este em vista do humanismo da Renascença. Há que dizer que o contexto de Lutero não é mais o nosso. Existem, portanto, duas tarefas: observar como Lutero interpretou nos seus dias a herança cristã e, em segundo lugar, investigar o que corresponde à nossa situação. Une-nos com Lutero a necessidade de articular o Evangelho. Separa-nos dele uma distância de quatro séculos que torna impossível uma mera repetição de suas idéias. Acrescento que o próprio Lutero não teria nenhum problema com essa nossa obrigação de reinterpretar o Evangelho. Como verdadeiro representante do que Tillich denomina de princípio protestante — ou seja, que nenhuma codificação doutrinal pode identificar-se com a própria verdade e deve, portanto, estar aberta para uma análise permanente e contínua — ele justamente nos incita a não adotar passivamente suas teorias mas, pelo contrário, a renová-las constantemente. Se ele mesmo se deu o direito de escrever outros decálogos, nós seguramente não poderemos fazer menos do que tentar formular os seus conceitos para o nosso meio-ambiente.

Ademais, concordo com Ebeling quando diz que não se deve entender a doutrina dos dois reinos como uma metafísica luterana que não se pode tocar. Pelo contrário, deveria encarar-se a diferenciação entre duas atuações distintas de JAVÉ como um método teológico que permite ver os problemas sistemáticos e éticos como uma determinada hipótese de trabalho. É precisamente esse uso da teoria mencionada que permite sua reiterada aplicação frutífera às novas circunstâncias. A canonização dessa teoria leva a acidentes como os experimentados pela igreja luterana na Alemanha de Hitler. Minha tese é que essas dificuldades não se devem a uma ênfase unilateral no que se refere à teoria dos dois reinos, mas justamente a uma conscientização descuidada e reduzida da mesma.

Isso significa que não podemos evitar uma breve análise do contexto em que as igrejas luteranas se movem na América Latina. Somente depois poderemos indicar em que sentido essa teoria pode ser de utilidade para nós. Digo e repito: como método teológico, como contribuição positiva para a praxis da igreja nessa situação. Não esqueçamos que as idéias de Lutero nasceram como uma série de sugestões práticas aos cristãos daquela época, numa situação em que a grande massa do corpo cristão desaparecia e surgia a necessidade de encontrar outras normas positivas para a vida cristã.

III — Procurarei enumerar agora algumas linhas gerais que devemos ter presentes para uma interpretação adequada da América Latina. Apresento-lhes brevemente a origem teológica e ideológica dessa análise. Em primeiro lugar, os documentos de Medellín, que nesse sentido dão, a meu ver, um passo mais além das distintas declarações do Vaticano II, relacionam o tema da paz com o aspeto injustiça e violência encarnada nas estruturas existentes no mundo. Devo igualmente muito às investigações da escola sociológica da universidade de Buenos Aires (dirigida por Pablo Franco). Em último lugar convém mencionar todas as interpretações do pentecostalismo latino-americano e a tomada de consciência que se punctualiza naqueles círculos protestantes que questionam a relevância das denominações evangélicas em nosso continente.

A lista de pontos que se segue de modo algum aspira a ser completa. Não obstante, creio estar indicando os pontos-chave e os eixos em torno dos quais giram as discussões da atualidade.

a) A problemática de nosso continente em parte consiste na presença de uma situação que afeta todo o mundo, mas que aqui se apresenta de uma maneira desmascarada. Refiro-me ao fato de que certos núcleos de países ricos ou certas indústrias onipotentes, ou ainda casamentos monstruosos entre poderes econômicos e militares — em outras palavras: os interesses criados por uma discriminação nitidamente classista — determinam a história atual do mundo. Minha opinião é que esse fato é mais visível no terceiro mundo, mas que de uma maneira latente exerce influência em todas as partes.

b) Tal visibilidade se deve à exploração econômica e cultural que pressiona o terceiro mundo. Um determinado estilo de vida, que poderia ser sintetizado no conceito da busca do lucro — em nível tanto individual como institucional — tenta penetrar e penetra nos países do terceiro mundo a fim de conservar um status quo que permite manter o sistema. Essa exploração ocorre de duas maneiras. O hemisfério norte explora os industrialistas, os governantes e os latifundiários do terceiro mundo, os quais, por sua vez, exploram o interior de seus países para poder cumprir as exigências que o norte lhes impõe. É nesse sentido que se devem interpretar, por exemplo, as grandes migrações internas e a urbanização massiva que constituem um fenômeno tão típico de nosso continente.

c) Tudo isso traz consigo a profunda alienação das massas da América Latina. A cúpula rica, por sua vez, também se encontra numa situação alienante, como mostram as cifras estatísticas dos tratamentos psiquiátricos nas grandes cidades de nosso continente. Por alienação entendo aquela situação na vida humana que impede a auto-realização do homem e lhe frustra seu esforço de encontrar um ponto de partida para um autodesenvolvimento autêntico. Isso se evidencia tanto no nível físico (saúde) como no psíquico (a frustração), no econômico (sua mais-valia) como no religioso (o ópio). As grandes massas da América Latina encon-

tram-se numa situação desumanizante, cuja primeira causa não é sua indisposição de trabalhar nem sua pobreza cultural nem sua insensibilidade política, mas sobretudo uma gama de padrões estruturais que de antemão obstaculizam uma tomada de consciência autêntica e criadora. Além disso, as classes dominantes valem-se de uma manipulação muito astuta tanto no campo dos esportes como no dos meios de comunicação de massa, de tal forma que qualquer sinal de uma conscientização se vê imediatamente ameaçado por um sistema de supressão massiva. Em outras palavras, os que detêm o poder tornam enfermigo um ambiente já enfermo. Essa situação propõe-nos o problema da educação na América Latina e a necessidade de originar uma luta de classes.

d) Geralmente a religião, inclusive a cristã, salvo honrosíssimas exceções, desempenhou o papel de uma canonização ou sacralização dessa alienação. Nem a religiosidade popular — um sincretismo muito sutil, de elementos fatalistas relacionados com as religiões originárias, e uma estrutura católica do modelo da Contrarreforma — nem as articulações protestantes — em geral da família pietista e escapista — contribuíram para um processo que protestasse contra a alienação, interpretando-a, no entanto, como fase inevitável na peregrinação da humanidade pelo vale de lágrimas até um céu no além, o qual traria uma libertação dessa problemática. Com palavras de Moltmann, a religião possui um caráter eminentemente epifânico: Depois da êxtase religiosa não permanece outra coisa do que a lembrança de um paraíso que incita a uma busca tanto mais apaixonada do ópio quanto mais agradável tiver sido a experiência mística. — Lanço a tese de que se poderia muito bem escrever a história do cristianismo na América Latina sob esse ponto de vista, a saber, da confirmação religiosa da alienação já existente. Contudo, deve-se observar que, por exemplo, já na polêmica entre Bartolomeu de las Casas e os fidalgos da Espanha se pode assinalar a mesma problemática.

e) Nos últimos decênios e sobretudo nos últimos anos podem constatar-se na América Latina movimentos que aspiram por uma libertação total que elimine essa situação alienadora. Esses movimentos ocorrem em muitos níveis. O esforço político de Castro e de Allende e talvez o nasserismo do Peru constituem exemplos no nível político. Certas formas de revisionismo histórico o apresentam nos terrenos cultural e artístico. A busca do homem novo da qual fala tantas vezes Ernesto Guevara, o demonstra no antropológico. Camilo Torres é a ilustração de uma tentativa de libertação religioso-cristã. A teologia da libertação (Gera, Segundo, Assmann, Alves, Gutiérrez, González, etc.) reflete sobre essa nova praxis que pretende desprender-se das bagagens frustrantes e assumir um papel responsável na formação de uma nova sociedade que talvez não necessite passar por todos os erros tecnocratas e capitalistas do norte do mundo.

Em suma: Existe a situação da frustração coletiva, astutamente manipulada, mas existem igualmente tentativas de libertação que reconhecem na mensagem cristã originária uma contribuição

essencial. É nesse contexto que nossas igrejas se movem e no qual as igrejas luteranas devem encontrar sua identidade e traduzir adequadamente o que é próprio de sua tradição.

IV — Apresentar-lhes-ei agora alguns aspetos da teoria dos reinos que para mim possuem uma grande atualidade em nossa situação continental. É pensando em voz alta que desenvolvo os pontos seguintes, com temores e tremores, diante deste auditório de peritos, pois, lembrem-se, sou gibeonita e estou, por isso, a uma distância substancial do santuário! —

a) Primeiro: A ênfase que Lutero dá ao regime mundano me diz que o cuidado pela terra e pela habitabilidade da mesma é uma responsabilidade na qual o cristão pode integrar-se de muito sã consciência. Esse senhorio que o homem exerce não é necessariamente uma arrogância orgulhosa de uma ideologia prometéica (Lochmann!), mas algo que corresponde ao homem e lhe é tão essencial, falando atropologicamente, como o amar a Deus e ao próximo. Poderíamos falar desse triângulo de relações em que o homem se encontra de acordo com a sua verdadeira essência: em outras palavras, é a sua imagem. Um cristão que se afasta dessa tarefa por motivos verticalistas, revela antes de mais nada sua descendência neoplatônica e seu desconhecimento total do quadro de referência bíblico. Agrego que esse cuidado pelo mundo é algo muito dinâmico na doutrina da Criação de Lutero, que continuamente nos coloca diante de surpresas inesperadas. Refiro-me ao tema dos “viri heroici” e ao outro das “larvas” que ambos revelam que o conceito de uma criação contínua expressa melhor as preocupações de Lutero que o de uma criação estável da qual se podem decifrar certas ordens fixas e imutáveis. De qualquer modo, no que se refere ao nosso mundo, Deus se faz ausente e entrega a mordomia a nós. Exceto em raros casos, Deus não intervém. Temos que cuidar deste mundo “etsi Deus non daretur”. Diga-se de passagem: Creio que Bonhoeffer é um luterano de boa cepa, mas que às vezes passado olímpicamente por cima pelos seus próprios correccionários.

b) O mesmo Lutero nos convida também a reconsiderarmos nossa linguagem acerca da distinção entre a lei e a graça. Não é assim que a graça se encontra exclusivamente no reino espiritual — a igreja —, e a lei, no campo mundano. Ao contrário, as duas realidades, da dureza e da misericórdia, se distribuem de modo igual sobre os dois regimes. Quero dizer que um cristão não se deve surpreender diante do fato de que em nosso mundo se encontram muitos não-cristãos que expressam o cuidado pelo mundo de maneira notavelmente melhor do que os próprios cristãos. Isso não acontece tanto por causa de certos restos do homem não afetados pelo pecado, mas antes por causa da bondade de Deus que não deseja que este mundo se transforme num caos inabitável. Em outras palavras, isso convida o cristão a desfazer-se de guetos provincialistas e a entrar no terreno político-cultural, de olhos abertos, visto que Deus ali está levando a cabo, de uma maneira muito es-

condida, sua obra libertadora. Para falar sobre uma possível colaboração entre cristãos e não cristãos, quero dizer que nossos critérios de seleção de sócios evidentemente revelam uma atitude mais limitada do que seria necessário. Há muita graça no regime mundano. Isso impede tanto a absolutização do mundo como sua condenação. Deixa abertas todas as portas, o que deve resultar numa atitude descongeladora.

c) Chama atenção a dimensão escatológica da teoria de Lutero. Evidentemente sua maneira de encarar as coisas quer impedir uma identificação precipitada de nossas renovações com o reino de Deus. Haverá sempre — se entendo bem, a tensão escatológica na concepção dos dois reinos — uma distância entre aquilo que nós alcançamos e aquilo que é o cumprimento total das promessas da nova terra. A mesma teoria do reino mundano demonstra claramente que isso não implica numa passividade do cristão, expressada nos conhecidos lemas de que o mundo é sempre igual e jamais mudará, razão pela qual não vale a pena esforçar-se por um mundo melhor, e que essa distância, repito, não desculpa a nossa imobilidade. Nossos intentos de renovação devem situar-se dentro da perspectiva do reino messiânico sem pretender que essa realidade tenha que expressar-se adequadamente em tais esforços. Creio que essas características merecem nossa atenção quando falamos da revolução ou da transformação do mundo. Todos nós sabemos com que rapidez nossas palavras e ações criam um clima mítico e absolutizador. Sou da opinião de que a teoria de Lutero nos dá as ferramentas necessárias para demitologizar nossas revoluções, e demitologizar, nesse sentido, equivale a humanizar. Sublinho que essa atitude relativadora deve ser assumida tanto numa sociedade capitalista como socialista. Mas acrescento que isso não implica em que para mim essas duas formas de organizar a convivência humana sejam equivalentes. Dentro do quadro de referência da Cidade de Deus, nossos esforços transformadores podem estar mais distantes ou mais próximos dessa meta.

d) Chama nossa atenção o ponto em que os dois regimes se relacionam entre si. A Criação se resume na salvação? Ou a salvação expressa a vontade de Deus de restaurar sua Criação? Em termos antropológicos: Somos homens para vir a ser cristãos ou somos cristãos para ser homens? Parece-me que a teoria de Lutero nos dá o direito de assumir a segunda posição. Quer dizer, não tenhamos medo, no que se refere à humanização, sempre que estejamos dispostos a vivenciar (e não somente dizer) que a única maneira de ser homem é a de negarmos a nós mesmos, ou seja, que conseguimos a humanidade verdadeira somente através do caminho indireto, que é a cruz. A era messiânica, porém, é um intermezzo, uma etapa intermediária. O Filho há de devolver o reino a seu Pai. Na nova Jerusalém não haverá templos nem cultos específicos. Redescobrir-se-á a unidade imediata, profeticamente representada pelo relato de Gênesis 1. O resultado será que a justiça de Deus revelada em Jesus Cristo consiste justamente em sua fidelidade para com a Criação e no combate ao que a demoniza.

Creio que a teologia luterana, por meio de um diálogo fecundo e penetrante com as demais ciências que se desenvolvem na América Latina, pode oferecer, em todos esses pontos — e em muitos mais — uma contribuição própria, cujo quadro de referência agora tratarei de indicar de uma maneira um pouco mais sistemática.

V — Falando em terminologia teológica, a teoria dos dois reinos faz justiça ao fato de que JAVÉ é amor e ira, misericórdia e vingança, aceitação e expulsão. Isso corresponde à seguinte estrutura antropológica: O homem é criatura e pecador, filho e desmancha-prazeres, crente e usurpador de Deus. Isso significa que nesta fase da história humana não podemos limitar a Palavra de Deus a apenas uma das séries mencionadas. Quando isso acontece, nasce o triunfalismo intolerante de cunho horizontalista ou verticalista, ou se cria um espaço para um pessimismo fatalista análogo. Para explicitar a Palavra única de JAVÉ, necessitamos de uma dialética contínua e de uma relação recíproca constante entre ambas. Penso que é isso que justifica teologicamente a atitude de Lutero frente a Münzer, apesar de que pareça evidente que se equivocou quanto às suas premissas sociológicas.

Em resumo: A herança luterana dos dois reinos representa uma boa contribuição para uma atuação (praxis) que introduz o aspeto de uma tensão escatológica de uma forma criadora, suscitando desse modo uma reflexão contextual sobre a marcha desse processo. Mais do que nos dias de Lutero teríamos que enfatizar que em nosso contexto a palavra somente possui sentido quando pode ser entendida como sinal auditivo que corresponde a uma determinada realidade prática, identificando e confirmando-a.